

A sociologia da claridade e da escuridão

SOCIEDADE BREVE

Boaventura de Sousa Santos



Este é o terceiro mini-ensaio sobre a luz e a sombra, a claridade e a escuridão. Nele procuro analisar o modo como a claridade e a escuridão não

só afetam as relações sociais e com a natureza como as criam. Numa perspetiva sociológica, são fenómenos naturais-sociais de enorme ductilidade ou ambiguidade, o que lhes permite ter valências múltiplas e contraditórias com o poder social, político e cultural. A claridade e a escuridão e todos os graus intermédios de luminosidade condicionam o modo como vivemos, como nos movemos, como nos comunicamos, como avaliamos o que nos rodeia, como criamos obras de arte, sejam elas pintura, poesia, romance, cinema, teatro ou música. Basta recordar o filme *noir*, com os seus contrastes *chiaroscuro* sob influência do expressionismo alemão, ou o novo género musical, surgido no século XVIII, o *notturmo* (*Nachtmusik*), música instrumental para ser tocada à noite. Haydn compôs oito *notturmi* e Mozart a *Serenata notturna* (KV 239).

Neste texto, concentro-me no modo como a claridade e a escuridão do espaço e do tempo intervêm em relações de poder, seja ele de natureza capitalista, racista, sexista ou outra, e também em relações de resistência e de convivência. O dia e a noite. O dia e a noite são desde tempos imemoriais os marcos divisores das formas de sociabilidade e das relações com a natureza, mesmo que os ciclos sejam muito desiguais (por exemplo, os habitantes do círculo polar Ártico passam longos períodos de dia e outros tanto de noite). O escuro da noite foi sempre fundamental para ver o céu e interpretar os astros: para saber as horas, prever as condições meteorológicas, navegar no mar, caminhar no deserto, decidir os trabalhos e os ritmos agrícolas, adivinhar o futuro, etc.

Também a vida dos animais e das plantas se regula pelos astros, sobretudo pelo sol. Durante milénios, a vida social foi estruturada pela claridade do tempo diurno em total contraste com o tempo noturno, em que as formas de sociabilidade eram totalmente distintas. A noite era o tempo do descanso, dos perigos, dos excessos e dos prazeres ilícitos. Nas cidades medievais, andar de noite pela rua era perigoso, não só por causa dos ladrões, dos assassinos ou das bruxas, mas também das fezes e outros lixos atirados para a rua. Dentro das casas, as velas criavam pequenos pontos de luz que mal competiam com a escuridão envolvente. É certo que as pessoas se orientavam pelos cheiros, pelos sons e pelo tato com uma eficiência que hoje só se encontra entre os invisuais.

NO MUNDO JUDAICO-CRISTÃO, segundo os diários da vida doméstica medieval que



"A ronda de noite", de Rembrandt

A claridade, a escuridão e todos os graus intermédios de luminosidade condicionam o modo como vivemos, nos movemos, nos comunicamos, avaliamos o que nos rodeia e criamos obras de arte

chegaram até nós, tipicamente um casal deitava-se pouco depois do sol-pôr, dormia o primeiro sono de quatro horas, acordava e ficava na cama mais duas horas a conversar e a amar, e ao raiar do dia levantava-se para ir trabalhar ou iniciar as tarefas diárias. A sedução da luz estava associada à revelação desde o tempo bíblico. *Génesis* I: "Faça-se luz". Não foi por acaso que a afirmação da racionalidade eurocêntrica moderna se designou por Iluminismo, ainda que, como referi em textos anteriores, tivesse havido muito outros iluminismos e renascimentos, além dos europeus. Foi também por essa razão que a idade média se passou a designar,

artificial. A difusão da luz artificial a partir de meados do século XIX veio transformar profundamente as relações entre a noite e o dia. Foi um progresso extraordinário, mas, como todos os outros, não era politicamente inócuo, e acabou por produzir efeitos perversos. A luz artificial permitia clarear a noite e *noturnizar* a vida, e de tal modo que muitas atividades, antes separadas pelo ritmo natural do dia e da noite, podiam ser realizadas indistintamente de dia ou de noite. O glamour da "cidade que não dorme" tornou-se irresistível.

NADA DISTO OCORREU SEM RESISTÊNCIA NEM CUSTOS. Os primeiros candeeiros públicos a gás foram apedrejados por aqueles e aquelas para quem a escuridão da noite era considerada uma condição essencial da sua sobrevivência ou profissão, fossem ladrões, prostitutas, artistas, traficantes de drogas, boémios ou revolucionários. Com a crescente invasão da luminosidade artificial, os artistas, ainda que menos condicionados pela divisão do dia e da noite, passaram a preferir a escuridão para a sua criatividade e tiveram de a procurar em caves, bares, túneis, canais de esgoto, periferias urbanas ou no campo. Uma vez desprovida da sua presença natural, a escuridão transformou-se numa nova atração, um divertimento público, ambiente propício para a evocação de espíritos em sessões espiritistas ou para filmes de terror.

Prospera hoje uma economia da noite em que a escuridão é um elemento fundamental do sublime urbano noturno. Os custos, para além dos gastos de energia, traduzem-se hoje num novo conceito, a poluição da luminosidade, entendendo-se por tal a excessiva e invasiva iluminação do espaço público nas cidades do Norte global. A iluminação excessiva produz uma nova forma de cegueira. Até ao início do século XX, era possível ver à noite e a olho nu cerca de 2500 estrelas. Hoje, sobretudo nas cidades, vêem-se menos de uma dúzia. Em 1994, ocorreu um terramoto na Califórnia que provocou um apagão na cidade de Los Angeles. Muitos residentes telefonaram para a polícia em pânico, dizendo estar a ver "uma imensa nuvem prateada no céu". Era a Via Láctea... que eles viam pela primeira vez. Calcula-se que hoje mais de um terço da humanidade não pode ver a via láctea.

Quanto mais brilha a terra mais o firmamento se apaga. Para o comum das pessoas o firmamento deixou de ser uma complexa e rica fonte de informação e de contemplação e passou a ser uma abóbada tão transparente quanto opaca. Isto é certamente um problema para os astrónomos, mas tem muitas outras ramificações - na vida dos animais humanos e não humanos, na saúde mental, na aprendizagem, nos ciclos de vida. Em alguns países, a luta contra a poluição luminosa tem hoje alguma semelhança com a luta contra a poluição atmosférica. Emergem parques nacionais para preservar o céu escuro

com estrelas e os urbanistas e arquitetos são incitados a equilibrar as relações entre a claridade e a escuridão, desde que ressalvadas as situações de perigo e de insegurança.

A poluição da luminosidade assume três formas principais: o clarão, os raios de luz intensos apontados aos olhos; a luz invasora, a luz intensa que invade as casas e perturba o descanso; o brilho do céu, o efeito da iluminação em zonas densamente povoadas e iluminadas disseminada por poeiras e gazes que tornam o céu mais claro. Numa grande cidade do Norte global, o céu à noite é 25 a 50 vezes mais claro que o céu noturno natural. As aves migratórias são algumas das vítimas da poluição da luminosidade. O fim do dia e da noite. Quando excessiva, a luz artificial revela o seu lado escuro, a desconexão que cria com a natureza, com os astros e o consequente empobrecimento da relação com o mundo mais amplo em que nos inserimos.

ALÉM DISSO, OS SERES VIVOS TÊM CICLOS regulados pela luz e pela escuridão. Designa-se por ritmo ou ciclo circadiano o ciclo do período de 24 horas regulado pelas variações da luz, temperatura, marés e ventos entre o dia e a noite. A perturbação do ciclo circadiano produz fadiga e desorientação e, se for prolongado, pode causar doenças graves. Não é por acaso que os torturadores de prisioneiros políticos submetem as suas vítimas à tortura da luz. Na prisão da CIA, em Guantánamo, manter os presos sob a mesma intensidade de luz artificial, tanto de dia como de noite, é parte integrante das técnicas de privação sensorial. O fim da diferenciação entre o dia e a noite significa um empobrecimento da experiência humana, ainda hoje difícil de imaginar. Pode envolver novas dimensões de desigualdade de poder, justamente as que decorrem das assimetrias de percepção.

Durante a invasão do Iraque em 2003 foram usados em larga escala pelos EUA equipamentos de visão noturna que permitiam identificar os soldados inimigos na escuridão. Desde então, o poder de ver sem ser visto tem transformado o campo de batalha num exercício macabro de magia maléfica evocando espíritos todo-poderosos. A intimidade e a violência de género. A escuridão tanto pode ser fator de segurança e proteção, como de insegurança e de perigo. Poder circular tranquilamente à noite no espaço público tem sido uma das reivindicações básicas das lutas feministas contra a violência de género (incluindo toda a violência contra orientações sexuais supostamente menos comuns). Enquanto esta perdurar, é preferível perder a vista das estrelas no céu a perder vidas na terra. No espaço privado da casa, a escuridão tanto pode ser fator de relaxamento e de intimidade como de intimidação e de violência. E a escuridão tanto pode facilitar a agressão como a intimidade.

Por sua vez, a intimidade da casa é vivida de modo bem diferente pelos que nela habitam e pelas empregadas domésticas que nela trabalham, por vezes a milhares de quilómetros de distância da sua casa. Os fenomenologistas têm chamado a atenção para o facto de o sentido da subjetividade ser sensível ao contraste entre claridade e escuridão. Para Merleau-Ponty, na escuridão a percepção dos contornos físicos da pessoa tornam-se mais ambíguos, o que facilita a abertura e a entrega ao outro. Sob o domínio do recato cristão, quanta confiança ou quanto êxtase sexual exige voz baixa e escuridão ou semi-escuridão! JL